



**Fórum de
Pró-Reitores
de Extensão
das Instituições
Públicas de
Educação Superior
Brasileiras**



Open access  free available online

Revista Brasileira de Extensão Universitária

v. 8, n.2, p. 103-111 mai.- ago. 2017 e-ISSN 2358-0399

DOI: <https://doi.org/10.24317/2358-0399.2017v8i2.4994>

originais recebidos em 01 de abril de 2017

aceito para publicação em 17 de junho de 2017

Fórum de combate ao uso de agrotóxicos na região de Alfenas: relato de experiência de um projeto de extensão universitária

Adriano Santos¹,

Francisco Xarão², André Araújo de Carvalho³

Resumo: O Fórum de Combate ao Uso de Agrotóxicos - Soberania Alimentar e Agroecologia na Região de Alfenas - é um projeto de extensão universitária, resultado de iniciativa popular, inserido no contexto da campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida, criada em 2011, quando o Brasil assumiu a liderança mundial no consumo de agrotóxicos. O projeto se desenvolveu em 2016 com o objetivo de sensibilizar e mobilizar a população local e regional sobre os riscos da utilização dos agrotóxicos para a saúde humana e para o meio ambiente. Utilizando-se de metodologias de participação popular e da pesquisa-ação, o fórum planejou e realizou ações de intervenção dialógica na região de Alfenas. O artigo é um relato reflexivo de algumas dessas experiências e ações executadas pelo fórum no combate ao uso de agrotóxicos, pautando essa discussão na Universidade Federal de Alfenas e em duas escolas de ensino médio, parceiras do projeto, no município de Alfenas. Dentre os resultados alcançados pelo projeto destacam-se a repercussão positiva das intervenções nas escolas e os processos de formação, agitação e propaganda acerca dos riscos dos agrotóxicos, além do fomento e apresentação das iniciativas agroecológicas como alternativas ao modelo de desenvolvimento do agronegócio.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Agroecologia; Campesinos.

Content shared under [Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/) Licence CC-BY

1 Professor do curso de Ciências Sociais – Universidade Federal de Alfenas. Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Alfenas-MG. CEP: 37130-000. adriasantos81@gmail.com (autor para correspondência)

2 Professor de Filosofia do Inst. de Ciências Humanas e Letras – Universidade Federal de Alfenas jxarao@gmail.com

3 Acadêmico do curso de Ciências Biológicas – Universidade Federal de Alfenas. leitimpocos@gmail.com

Forum against the use of agrochemicals in the Alfenas region: experience report from a university extension project

Abstract: The forum Against the Use of Agrochemicals - Food Sovereignty and Agroecology in the Alfenas Region (Minas Gerais State, Brazil) - is a university extension project from a popular initiative within the context of the Permanent Campaign Against the Agrochemicals and for Life, created in 2011 when Brazil becomes the world leader in pesticides consumption. The project has been developed in 2016 aiming to sensitize and mobilize local and regional people about the risks of agrochemicals using for human health and the environment. Employing methodologies of popular engagement and research-action, the forum has planned and carried out dialogical interventions in Alfenas region. The paper is a reflexive report of some of these experiences and actions made by the forum in the fight against the use of agrochemicals, promoting that discussion in the *Universidade Federal de Alfenas* (Federal University) and in two high schools, partners of the project in Alfenas city. Within the results achieved by the project the most important are the positive repercussion of the school interventions and the actions on education, disclosure and mobilization about the risks of pesticides, besides the fostering and introduction of agroecological initiatives as alternatives to the agribusiness development model.

Keywords: University Extension; Agroecology; Peasant.

Foro de combate al uso de agrotóxicos en la región de Alfenas: relato de experiencia de un proyecto de extensión universitaria

Resumen: El foro de combate contra el uso de agrotóxicos - soberanía alimentaria y agroecología en la región de Alfenas, Minas Gerais, Brasil - es un proyecto de extensión universitaria, resultado de una iniciativa popular, insertada en el contexto de la campaña permanente contra los agrotóxicos y la vida, creada en 2011, cuando Brasil asumió el liderazgo mundial en el consumo de agrotóxicos. El proyecto se desarrolló en el año del 2016 con el objetivo de sensibilizar y movilizar a la población local y regional sobre los riesgos de la utilización de los agrotóxicos para la salud humana y el medio ambiente. Utilizando metodologías de participación popular y de investigación-acción, el foro planificó y realizó acciones de intervención dialógica en la región de Alfenas. El artículo es un relato reflexivo de algunas de esas experiencias y acciones ejecutadas por el foro en el combate al uso de agrotóxicos, basando esa discusión en la Universidad Federal de Alfenas y en dos escuelas de enseñanza media, asociadas al proyecto, en el municipio de Alfenas. Entre los resultados alcanzados por el proyecto se destacan la repercusión positiva de las intervenciones en las escuelas y los procesos de formación, agitación y propaganda acerca de los riesgos de los agrotóxicos, además del fomento y la presentación de las iniciativas agroecológicas como alternativas al modelo de desarrollo del agronegocio.

Palabras-clave: Extensión Universitaria; Agroecología; Campesinos.

Introdução

Neste trabalho relatamos algumas das experiências e ações executadas pelo *Fórum de combate ao uso de agrotóxicos - soberania alimentar e agroecologia na região de Alfenas*, no ano de 2016. O objetivo deste projeto de extensão foi o de sensibilizar e mobilizar a população local e regional sobre os riscos da utilização dos agrotóxicos para a saúde humana e para o meio ambiente. A proposta foi construída a partir de estudos e pesquisas disponíveis no Brasil com diversas provas concretas dos males causados pelos agrotóxicos, muitos dos quais denunciados recentemente pelo *Dossiê ABRASCO – um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde* (CARNEIRO et al., 2015).

O uso de agrotóxicos na produção de alimentos é nefasto, sobretudo para os trabalhadores que manipulam tais produtos, mas também são conhecidos seus efeitos

crônicos para os consumidores. Aliás, não se pode “dissociar a produção agrícola, os agrotóxicos, as sementes (principalmente transgênicas), os fertilizantes químicos, os equipamentos agrícolas e os financiamentos bancários”, pois eles constituem elos da poderosa cadeia produtiva do agronegócio mundial (PIGNATI, 2016, p.19).

Em outubro de 2013, a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) realizou investigação e revelou que 36% das amostras analisadas de frutas, verduras, legumes e cereais estavam impróprias para o consumo humano ou traziam substâncias proibidas no Brasil. Boa parte desses alimentos contaminados por níveis elevadíssimos de agrotóxicos estão à disposição nas feiras e supermercados de todas as cidades brasileiras. (CARNEIRO et al., 2015). Por conta disso, a cada ano, cerca de 500 mil pessoas são contaminadas por agrotóxicos no Brasil, segundo o Sistema Único de Saúde (SUS) (CARNEIRO, 2016).

Em 2011, o Brasil passou à primeira posição no *ranking* mundial de consumo de agrotóxicos, permitindo inclusive o uso do *Glifosato*, além de substâncias já proibidas em diversas partes do mundo. Podemos dizer que essa posição ingrata e arriscada que o país ocupa é resultado da hegemonia do modelo do agronegócio mundial que vigora em nosso país desde os anos 1970, quando se colocou em prática as ideias da chamada Revolução Verde, a fim de modernizar a agricultura. O resultado da importação desse pacote tecnológico foi tornar a agricultura brasileira “químico dependente” das empresas transnacionais que controlam a cadeia produtiva de diversos setores agrícolas, desde a produção de sementes e insumos até a comercialização das *commodities* no mercado externo (PIGNATI, 2016). Dessa forma, tais empresas lucram não só explorando as riquezas naturais e a força de trabalho, mas ganham bilhões de dólares com a produção de agrotóxicos, envenenando a população brasileira e produzindo o adoecimento de milhares de homens, mulheres e crianças, que podem desenvolver, por exemplo, esterilidade, mutagênese, reações alérgicas, distúrbios neurológicos, respiratórios, cardíacos, pulmonares, problemas no sistema imunológico e no sistema endócrino, desenvolvimento de câncer, dentre outros agravos à saúde e ao meio ambiente (CARNEIRO et al., 2015; PIGNATI, 2016).

Em 2011, no dia mundial da saúde, nasceu – como resultado da organização de uma frente de movimentos sociais – a Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida cujo objetivo é sensibilizar a população sobre os riscos dos agrotóxicos para a saúde e ao meio ambiente. Assim, buscando questionar o modelo hegemônico do agronegócio mundial e demonstrando seus limites socioambientais, a Campanha, com o apoio de sociedades científicas como a FIOCRUZ (Fundação Osvaldo Cruz), ABRASCO (Associação Brasileira de Saúde Coletiva) e INCA (Instituto Nacional do Câncer), se propôs não apenas à denúncia dos agrotóxicos, mas também à promoção da agroecologia e da produção de alimentos orgânicos, saudáveis, como alternativa ao agronegócio, poluidor e destrutivo.

É nesse contexto que o projeto de extensão, intitulado “*Fórum de combate ao uso de agrotóxicos: soberania alimentar e agroecologia na região de Alfenas*” se insere. Trata-se de uma proposta que surgiu e se desenvolveu ao longo do ano de 2016, abrindo o debate posto pela campanha, por meio da UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas), em parceria com a comunidade e movimentos sociais organizados da região, para construir um processo de sensibilização da sociedade em relação às ameaças e os riscos que o uso de agrotóxicos representa para a saúde e para o meio ambiente na região de Alfenas, Minas Gerais.

O projeto do fórum originou-se, portanto, de uma demanda social que vem sendo discutida nacionalmente e construída regionalmente, num constante diálogo com o comitê local e regional da Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela vida. Aproveitando a tradição e a especialização da UNIFAL-MG na área da saúde, o fórum é resultado de uma articulação que envolve as IES

(Instituições de Ensino Superior) da região, UNIFAL-MG e o IFSULDEMINAS (Instituto Federal Sul de Minas Gerais), Campus Machado, representado pelo NEAPO (Núcleo de Estudos de Agroecologia e Produção Orgânica), MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), EMATER-MG (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), sindicatos, GETT (Grupo de Estudos em Trabalho e Teoria Social), coletivos e associações de produtores, todos envolvidos – a partir da troca de saberes e construção coletiva de conhecimentos – no combate ao uso de agrotóxicos.

Material e Métodos

O projeto se desenvolveu entre os meses de março e dezembro de 2016, com a participação de um bolsista de extensão, dois coordenadores, um representante de cada entidade/instituição parceira e diversos estudantes colaboradores, notadamente dos cursos de Ciências Sociais, História, Nutrição, Geografia e Ciências Biológicas que, num total de 20 pessoas, constituíram a equipe executora do projeto. A equipe realizou reuniões quinzenais para planejar, organizar e executar as atividades programadas e discutidas pelo fórum. Todas elas foram registradas em relatórios e comunicadas a todos os membros do fórum em uma página eletrônica criada nas redes sociais para facilitar não só o contato entre os parceiros, mas também viabilizar a divulgação das atividades desenvolvidas no âmbito do fórum. A propósito das reuniões e atividades do fórum, convém destacar que todas foram abertas e amplamente divulgadas por *e-mails*, redes sociais, *sites* das Universidades e instituições parceiras, bem como cartazes e panfletos distribuídos em campanhas de agitação e propaganda realizadas em toda a região de Alfenas-MG.

Assim, após o fórum ter sido constituído com os seus parceiros, equipe e colaboradores, as atividades foram iniciadas ainda em março de 2016, dentre as quais destacamos: a) realização de dois seminários temáticos, sendo um em parceria com o evento “Jornadas Universitárias em defesa da Reforma Agrária” e o outro com o Encontro de Agroecologia, em parceria com o IFSULDEMINAS Campus Machado, pautando não só os riscos do uso de agrotóxicos para a saúde humana e meio ambiente, mas promovendo a agroecologia como alternativa; b) organização e realização, com o NEAPO, de minicursos e oficinas sobre as concepções, visões e práticas em agroecologia para camponeses que queiram realizar a transição agroecológica; c) realização, em parceria, com o MST, EMATER/MG e NEAPO, de visitas técnicas aos agricultores familiares e camponeses da região que produzem de maneira agroecológica; d) articulação com professores das escolas públicas de Alfenas, para a realização da campanha de combate aos agrotóxicos dentro das escolas, com a exibição e discussão de filmes e documentários, bem como a divulgação de cartazes e panfletos informativos sobre os riscos da contaminação dos alimentos por agrotóxicos; e) organização de atividades de agitação e propaganda nas

feiras livres e nas portas dos supermercados, convocando os consumidores para os espaços de diálogo a serem construídos dentro e fora da Universidade sobre os riscos dos agrotóxicos para a saúde humana; f) desenvolvimento de estratégias de comunicação do fórum nas redes sociais e meios de comunicação do município de Alfenas; g) organização, para dentro e para fora do fórum, da coleta de assinaturas em abaixo-assinado que exige o banimento imediato dos agrotóxicos no Brasil que já foram proibidos em outros países por causa de seus efeitos nocivos à saúde humana e danos ao meio ambiente.

A dinâmica de atuação do Fórum foi inspirada no método da pesquisa-ação, uma vez que esta se realiza, segundo Michel Thiollent (1988, p.14) “em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo” e no qual os “pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Também balizou a atuação dos atores envolvidos no Fórum um constante debate e envolvimento em estudos, leituras e pesquisas, que têm na interação dialógica uma perspectiva de que o conhecimento não pode ser estocado e guardado entre os muros da universidade, mas sim construído cotidianamente para emancipar as pessoas.

Dessa forma, desenvolvemos uma concepção de extensão universitária segundo a qual a Universidade realiza uma comunicação cujo princípio metodológico exige a reciprocidade entre os sujeitos significantes, ou seja, não se trata de estender o conhecimento da Universidade a alguém, mas de construir junto, com, pela e na comunidade o conhecimento científico em consonância aos saberes populares (FREIRE, 1983). Daí a ideia do fórum como um espaço de diálogo e discussão coletiva em torno de uma problemática comum.

Para este diálogo foram chamados a conceber, organizar, mobilizar e executar, como parceiros desta iniciativa, o MST, a Cooperativa dos Camponeses Sul-Mineiro, o Sindicato dos Agropecuaristas em Regime de Economia Familiar, do município de Campo do Meio, em Minas Gerais, a EMATER-MG de Alfenas, o NEAPO (Núcleo de estudos de agroecologia e produção orgânica) do IFSULDEMINAS, Campus Machado, o comitê local da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida, que se constituíram como parceiros diretos na articulação, criação e organização do fórum.

Resultados e Discussão

Considerando o projeto de extensão *Fórum de combate ao uso de agrotóxicos: soberania alimentar e agroecologia na região de Alfenas* e seu objetivo geral, “de criar e desenvolver espaços de discussões e intercâmbio entre pesquisadores, agricultores, consumidores, movimentos sociais, organizações e instituições de saúde a fim de construir processos de conscientização e sensibilização da população acerca dos riscos do uso de agrotóxicos para a saúde humana e meio

ambiente, apresentando as possibilidades da agroecologia como alternativa ao agronegócio”, realizamos diversas ações ao longo do ano de 2016, mas em virtude do espaço aqui disponível, relataremos apenas as atividades mais significativas, e cujos resultados foram os mais relevantes, porque atingiram seus principais objetivos, sem deixar de pautar as dificuldades e problemas enfrentados durante sua execução.

Uso de agrotóxicos e hegemonia do agronegócio

Apesar dos limites deste artigo, e antes de passarmos aos relatos de alguns dos principais resultados alcançados pelas ações desenvolvidas pelo Fórum, convém situar o uso de agrotóxicos como uma prática recorrente e inerente às estratégias de acumulação de capital vigentes no atual modelo de desenvolvimento agrícola brasileiro. Porque, desse modo, é possível destacar que os riscos do uso de agrotóxicos estão intimamente ligados ao modo de produzir alimentos, dominado pelo agronegócio.

Em outras palavras, trata-se de um modelo agrícola cuja maneira de produzir, denominada a partir de 1970 de Revolução Verde, trouxe consigo não só a hegemonia do capital por meio do oligopólio das agroindústrias que fazem aplicação tecnológica da ciência na agricultura, mas também um conjunto de riscos ambientais e sociais que colocam em xeque as garantias de produção e reprodução da vida no meio ambiente (BECK, 2011). Transferir a riqueza socialmente produzida por milhões de agricultores para as mãos de um pequeno grupo de grandes proprietários, eis aí a razão de ser do atual modelo de desenvolvimento do agronegócio mundial.

Considerando particularmente o caso brasileiro, podemos destacar, em primeiro lugar, o fato de nosso país ser, desde meados de 2011, o maior consumidor de agrotóxicos do mundo (CARNEIRO et al., 2015), o que se agrava, certamente, pela presença de oligopólios empresariais que controlam no Brasil a produção de agroquímicos aplicados às lavouras dos principais produtos agrícolas (soja, cana, milho e café, muitos dos quais chegam à mesa do brasileiro, como legumes, frutas e hortaliças, contaminados por agrotóxicos acima do nível permitido pela ANVISA) e que, segundo alguns políticos, economistas e intelectuais, apologetas do setor, garantem o saldo da balança comercial brasileira. De acordo com Bombardi (2011), 92% da receita líquida (15 bilhões de reais) gerada na produção de “defensivos agrícolas”, no Brasil, são controlados por empresas de capital estrangeiro que formam um dos maiores oligopólios mundiais, concentrados em apenas 6 empresas (Syngenta, Dupont, Dow Chemical, Basf, Bayer e Monsanto).

Em segundo lugar, e considerando que a agricultura brasileira é monopolizada pelo capital internacional, vale destacar que há um intenso processo de subordinação da renda da terra camponesa ao capital monopolista, na medida em que os pequenos produtores, para obterem financiamento e crédito à produção rural, são obrigados a comprarem o tal ‘pacote tecnológico’, com sementes

transgênicas e agrotóxicos que devem ser administrados nas lavouras. Ora, “toda vez que o camponês destina parte de sua renda à compra de insumos químicos, sejam eles agrotóxicos ou fertilizantes, esta renda é apropriada pelo capital industrial internacional” (BOMBARDI, 2011, p.2) que controla a produção desses insumos.

Os efeitos danosos dessa hegemonia do agronegócio oligopolizado pelo capital internacional, que envenena a comida do brasileiro, não se resumem apenas às questões sociais e ambientais, como a contaminação do solo, água e ar, mas se aplicam significativamente à saúde tanto dos trabalhadores que atuam com o preparo, manipulação e pulverização dos agrotóxicos, quanto dos consumidores que se alimentam de produtos contaminados (BOMBARDI, 2011).

No caso dos trabalhadores/agricultores não são poucos os dados produzidos por instituições de pesquisas sérias que avaliam o grau de intoxicação por agrotóxicos que acometem os trabalhadores. Segundo o SINITOX (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas – Ministério da Saúde/FIOCRUZ), no período de 1999-2009, cerca de 62 mil intoxicações por agrotóxicos de uso agrícola foram notificadas. Isso significa, de acordo com Bombardi (2011), que tivemos por volta de 5.600 intoxicações por ano no país, o que equivale a uma média de 15,5 intoxicações diárias, ou uma a cada 90 minutos. Evidentemente que esses dados podem ser maiores, uma vez que a prática da subnotificação dos casos de contaminação é algo comum no que se refere aos acidentes de trabalho no Brasil (BOMBARDI, 2011).

Não há dúvidas, portanto, que o uso de agrotóxicos tem sido no Brasil um dos maiores fatores de riscos para a saúde humana (SILVA et al., 2003), notadamente para os trabalhadores agrícolas que trabalham diretamente com esses produtos. Porém, os índices de contaminação dos alimentos por agrotóxicos, além do permitido pela ANVISA, devem preocupar a população e serem motivos de amplas e intensas discussões nas quais a Universidade, em articulação com os movimentos sociais, pode e deve assumir um papel fundamental, qual seja, o de produzir um conhecimento socialmente relevante e que seja apropriado pelo povo brasileiro em seu benefício.

O Seminário de abertura e lançamento do projeto

No final de abril e começo de maio de 2016 realizamos, numa articulação interinstitucional entre UNIFAL-MG, UFLA, UNIFEI e IFSULDEMINAS, Campus Machado e Inconfidentes, a 3ª Edição das Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária. Na UNIFAL-MG, junto com a programação das Jornadas, fizemos o Seminário de abertura e lançamento do *Fórum de combate ao uso de agrotóxicos: soberania alimentar e agroecologia na região de Alfenas*, que contou com uma programação bastante diversa, envolvendo palestras, mesas-redondas, exposição fotográfica, cines-debates e minicursos.

Na programação concernente ao Fórum realizamos uma mesa redonda, cujo tema “Degradação, saúde e trabalho na produção de café” mobilizou pessoas de diferentes setores da Universidade e da comunidade e região de Alfenas. O impacto dessa mesa foi muito significativo, porque tivemos a participação de uma doutoranda da UNIFAL-MG que apresentou os resultados de sua pesquisa, feita em parceria com a Liga de Toxicologia da UNIFENAS¹, que demonstra haver altos índices de contaminação por agrotóxicos dos trabalhadores rurais na microrregião de Alfenas. Na ocasião, a pesquisadora apresentou alguns dos principais problemas de saúde encontrados na população da região, o que surpreendeu e gerou preocupação no público presente. Tivemos também a participação de um pesquisador da UNICAMP que realizou importante pesquisa sobre “o uso (in)seguro dos agrotóxicos no município de Lavras”, demonstrando que, mesmo seguindo todos os passos indicados pelos fabricantes de agrotóxicos, não é possível garantir a segurança dos usuários que manipulam aqueles produtos. Durante a sua apresentação o pesquisador lançou em primeira mão o vídeo documentário sobre o uso (in)seguro dos agrotóxicos², o que suscitou grande discussão no auditório praticamente lotado. Além de pesquisadores, tivemos na mesa a participação de movimentos sociais e de uma das lideranças sindicais, membro da ADERE (Articulação dos Empregados Rurais), que realizou denúncia grave em primeira mão sobre a exploração de trabalho análogo ao escravo nas cidades produtoras de café no sul de Minas. Tal denúncia ganhou repercussão nacional e internacional com o desenvolvimento das investigações por parte do Ministério Público do Trabalho³. Ainda, durante a programação das Jornadas, desenvolvemos, em parceria com o NEAPO, do IFSULDEMINAS, Campus Machado, um minicurso de ‘Introdução à Agroecologia’, o qual contou com atividades teóricas e práticas sobre como fazer compostagem orgânica. As expectativas com o minicurso foram superadas em todos os sentidos, conforme relatos dos participantes⁴.

O contato com os agricultores e a transição agroecológica

Um dos objetivos do fórum sempre foi garantir a participação dos agricultores familiares da região em nossas atividades de combate ao uso de agrotóxicos, mas, diante das dificuldades de articulação encontradas pela EMATER-MG, que está em contato constante com os produtores, nem sempre foi possível ter a presença dos agricultores em nossas ações. A partir daí, o fórum se mobilizou para convidar diretamente os produtores que atuam nas feiras de quarta e domingo que acontecem no município de Alfenas. Para tanto, em parceria com a EMATER-MG regional, realizamos em agosto e setembro duas oficinas: uma sobre ‘transição agroecológica’, e outra sobre o processo de certificação, o “Certifica-Minas Café”, ambas ministradas por técnicos agrícolas em extensão rural da EMATER-MG. Nas duas oportunidades, tivemos uma participação significativa de estudantes da UNIFAL-MG, envolvidos

com o fórum, mas também uma participação razoável de estudantes das Ciências Agrárias de Universidades e Institutos da região, bem como de agricultores que produzem no município e comercializam na feira de domingo. Foi uma grande oportunidade para apresentarmos às pessoas que é possível produzir alimentos sem agrotóxicos, utilizando a própria natureza no processo produtivo. O conteúdo das oficinas teve como foco principal alguns manejos necessários para realizar a transição de uma produção agrícola convencional que faz uso de agrotóxicos, para uma produção agroecológica que trabalha em equilíbrio com o sistema natural, livre de agrotóxicos. Ao final dessas experiências, concluímos que agricultores e estudantes da área desconhecem a agroecologia e que há uma demanda de cursos e oficinas de formação agroecológica voltadas especificamente para os agricultores familiares da região.

O fórum nas escolas: combatendo o uso de agrotóxicos, promovendo a agroecologia

Uma das principais atividades elencadas como prioridade pelo fórum foi o desenvolvimento da campanha de combate ao uso de agrotóxicos nas escolas de Alfenas. A prioridade dessa ação justifica-se pelo fato de entendermos, por um lado, a necessidade de se discutir com os jovens estudantes os riscos que o uso de agrotóxicos pode trazer à saúde e ao meio ambiente onde vivem e, por outro, mobilizar um conjunto de

conhecimentos que passa pela Biologia, Física, Química, Geografia, História, e até mesmo Língua Portuguesa, o que significa abordar o tema de uma perspectiva inter e multidisciplinar. Assim, entramos em contato com as escolas e apresentamos o projeto. Não obstante as dificuldades de conciliar a proposta do fórum com o tempo, as turmas, o trabalho dos professores e o calendário das escolas, optamos – após boas reuniões com os diretores e professores – por desenvolver a ação em duas escolas cujos estudantes, em sua maioria, são oriundos da zona rural de Alfenas.

A conversa com as escolas foi feita em agosto de 2016, mas as ações agendadas para outubro. Nesse meio tempo, somaram-se às atividades do fórum os estudantes colaboradores de outro projeto de extensão, denominado “Horta Comunitária” e, nas reuniões do fórum, decidimos desenvolver as ações nas escolas, considerando os dois princípios orientadores do projeto: 1) a denúncia do uso de agrotóxicos; 2) a promoção da agroecologia como alternativa ao agronegócio. Nesse sentido, decidimos – propondo aos diretores e professores – que a ação ocorreria em dois momentos e dois espaços. Num primeiro momento, a discussão ocorreria no espaço da escola com um caráter mais teórico, no qual exibiríamos o vídeo-documentário “*O veneno está na mesa I*”⁵. Num segundo momento a ação seria de natureza prática e ocorreria no espaço da UNIFAL-MG, campus Santa Clara, porque é onde se desenvolve o projeto da Horta Comunitária (Figura 1).



Figura 1. Fórum nas escolas: combatendo o uso de agrotóxicos, promovendo a agroecologia. Fonte: Arquivos do Projeto.

Dessa forma teríamos a oportunidade de exibir “*O Veneno está na mesa I*”, e ainda realizar uma vivência agroecológica na horta comunitária da UNIFAL-MG. No período de preparação à realização do fórum na escola, os estudantes colaboradores e o bolsista foram orientados pelos coordenadores do projeto, e todo o processo de construção da proposta, incluindo material didático, formas de avaliação, análise do vídeo-documentário e a programação do fórum, foram realizados coletivamente por meio de leituras, estudos, análises e produção de textos. Com isso, o fórum envolveu todos os seus membros numa atividade pautada pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Assim, o fórum e a campanha contra os agrotóxicos ocorreu na *Escola 1* em três dias consecutivos, como uma atividade que mobilizou todos os estudantes dos três anos do ensino médio, e contou com a participação dos professores de sociologia, geografia, biologia, matemática e português. O terceiro dia foi dedicado à visita dos estudantes às instalações da UNIFAL-MG, à exibição e discussão do “*Veneno está na mesa II*”⁶, e a experiência agroecológica na horta comunitária. Já na *Escola 2*, as atividades que estavam programadas para ocorrerem em dois dias, foram realizadas em apenas um dia, com a exibição e discussão do “*Veneno está na mesa I*”, porque a escola não conseguiu o transporte para levar seus alunos à Universidade, além do que, no final de outubro de 2016, a UNIFAL-MG ingressou na greve docente contra a PEC 241, o que trouxe algumas dificuldades para concluir a ação.

Todavia, o resultado dessa ação foi muito significativo. Na avaliação dos diretores e professores das escolas que participaram e acompanharam as atividades, foi uma situação diferente, pois, além de modificar o cotidiano da escola, aliou a reflexão teórica com a experiência prática, gerando possibilidades de aprendizado socioambientais a partir de um grave problema de saúde, que afeta boa parte dos estudantes oriundos da zona rural, onde seus pais e familiares fazem o uso de agrotóxicos. Aliás, foi possível ouvir, durante a ação, sobretudo dos estudantes secundaristas, que boa parte de seus familiares utilizam agrotóxicos em suas plantações. Muitos desses secundaristas relataram ainda que já tiveram contato com os agrotóxicos, e manifestaram desconhecimento total sobre os possíveis riscos à saúde e ao meio ambiente. Nesse sentido, a ação cumpriu o objetivo de sensibilizar os jovens estudantes, alertando-os sobre os perigos da intoxicação por agrotóxicos, seja por meio da manipulação desses produtos, seja por meio da ingestão de alimentos contaminados.

Para os estudantes colaboradores e membros do fórum foi uma experiência formativa diferenciada, porque – conforme avaliaram – representou a possibilidade de estudar e pesquisar o assunto, produzir coletivamente um material didático acerca do que foi estudado, além de planejarem em grupos as melhores estratégias pedagógicas e didáticas para atingirem os objetivos de ensino-aprendizagem da atividade proposta. Em suma, realizaram a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e

extensão, num longo processo de planejamento, execução e avaliação de todas as atividades previstas.

Agitação e propaganda no combate aos agrotóxicos

Com as atividades desenvolvidas em articulação com os movimentos sociais e organizações da sociedade civil, o fórum ganhou destaque, especialmente pela problemática do tema e sua importância diante dos perigos existentes. Por isso, foi convidado a participar de duas ações de agitação e propaganda contra os agrotóxicos (Figura 2). O primeiro convite veio do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), que realizou em 22 e 23 de outubro de 2016, na cidade de Campo do Meio-MG, o 1º Festival de Cultura Campesina do Sul de Minas Gerais, para o qual o Fórum recebeu a tarefa de coordenar uma “*tenda de saberes populares*” contra os agrotóxicos. Essa ação teve o objetivo de apresentar à população que participou da feira alguns dos principais riscos do uso de agrotóxicos na agricultura, e suas consequências para a saúde das pessoas e para o meio ambiente. Para essa ocasião organizamos um material em forma de panfleto com algumas informações importantes fornecidas pela Campanha Nacional contra os Agrotóxicos e pela vida. Entretanto, não nos limitamos ao espaço da tenda, mas percorremos toda a feira e o centro da cidade, panfletando e alertando as pessoas sobre os riscos e perigos dos agrotóxicos para a vida. Como Campo do Meio-MG é uma cidade cercada por latifúndios dedicados ao café, mas também com a presença de pequenos agricultores familiares, encontramos diversos produtores que, diante das nossas abordagens, relataram conhecer casos de pessoas que se contaminaram e até – acreditam eles – morreram devido ao uso de agrotóxicos em suas lavouras. O curioso é que não foi apenas um ou dois relatos, mas vários, o que chamou a nossa atenção para a necessidade de pesquisas futuras e novas intervenções do fórum naquela cidade.

Outro convite de agitação e propaganda que chegou ao fórum veio da Pró-Reitoria de Extensão que, na última semana de outubro de 2016, organizou a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, cujo tema foi “*Ciência Alimentando o Brasil*”. Nessa ação, realizada no centro da cidade de Alfenas-MG, agitamos e denunciemos o uso de agrotóxicos no Brasil, expondo algumas das contradições do modelo de desenvolvimento do agronegócio que vigora na região. Para tanto, espalhamos cartazes pela cidade, panfletamos nos principais pontos de circulação de pessoas, inclusive no comércio, feira, terminal rodoviário e supermercados, abordando as pessoas e conversando sobre as possibilidades de estarmos nos alimentando de produtos contaminados por agrotóxicos, muitos dos quais altamente tóxicos e proibidos em outros países, mas infelizmente, ainda estão sendo liberados e utilizados no Brasil. A avaliação dessa atividade foi positiva, porque repercutiu na imprensa da cidade, chamando a atenção e sensibilizando as pessoas para o problema em questão.



Figura 2. Cartaz, agitação e propaganda contra o uso de agrotóxicos. Fonte: Arquivos do Projeto.

Por fim, o fórum ainda participou, em parceria com o NEAPO e o IFSULDEMINAS, Campus de Machado, da organização do IV Encontro de Agroecologia que ocorreu em Machado-MG entre os dias 21 e 23 de novembro de 2016, com uma programação ampla e diversificada, contando com palestras, diversas oficinas, vivências e mesas redondas.

O fórum contribuiu na organização de duas mesas que debateram a conjuntura daquele período: 1) Impactos dos agrotóxicos na saúde do trabalhador; 2) Agroecologia e a conjuntura política. No último dia do Encontro, realizamos na UNIFAL-MG, em meio às mobilizações e greve dos professores e funcionários contra a PEC 241, uma roda de conversa intitulada “Greve com Agroecologia”, para a qual contamos com participação do pesquisador da UNICAMP e ex-membro da CTNBio, Prof. Dr. José Maria Guzman Ferraz. Portanto, com essa atividade e, em razão da greve que se desenvolveu até dezembro, o projeto de extensão, *Fórum de combate ao uso de agrotóxicos: soberania alimentar e agroecologia na região de Alfenas*, finalizou suas atividades programadas para 2016.

Considerações Finais

Considerando que as atividades previstas no âmbito do projeto foram todas executadas conforme o planejamento

do fórum, realizamos uma avaliação geral e concluímos que ela repercutiu positivamente não só no papel desempenhado pela Universidade, mas também na sensibilização da comunidade alcançada pelas ações de extensão/comunicação do projeto. Nesse sentido, convém destacar dois aspectos importantes dos desdobramentos e resultados do combate ao uso de agrotóxicos na região de Alfenas. Em primeiro lugar, a necessidade da continuação do projeto em 2017, especialmente no que concerne às ações pedagógicas da campanha contra o uso de agrotóxicos nas escolas. Em segundo lugar, mas não menos importante, a construção, em Alfenas-MG, da FACA (Feira Agroecológica e Cultural de Alfenas), uma iniciativa popular, fomentada pelo fórum, que não foi possível de ser desenvolvida em 2016 em virtude de dificuldades de parceria com a prefeitura por causa das eleições municipais naquele período. Porém, com a continuidade do projeto, esta iniciativa já conta com o apoio da UNIFAL, MST, NEAPO, EMATER-MG e prefeitura de Alfenas, para viabilizar sua construção como um espaço de resistência ao uso de agrotóxicos e, sobretudo, um espaço de valorização da vida e promoção da saúde com a participação dos agricultores que produzem alimentos orgânicos e agroecológicos na região.

Portanto, é com o espírito da participação popular em suas ações que a Universidade pode desenvolver, interna e externamente, iniciativas que provoquem impactos positivos na sociedade, revelando a importância do conhecimento socialmente relevante na transformação

social e na apropriação de seus benefícios pelo povo brasileiro.

Notas

1. Universidade privada de Alfenas que tem tradição na formação e pesquisas na área da saúde.
2. O vídeo encontra-se disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=HVdZV4JaKAs> >
3. Os resultados dessa denúncia podem ser observados em dois documentos: 1) vídeo produzido por uma TV estatal italiana < <https://vimeo.com/203038725> >; 2) material de reportagem realizada pela ONG Repórter Brasil, disponível em < <http://reporterbrasil.org.br/2017/01/cafe-certificado-trabalhador-sem-direitos/> >
4. A matéria sobre as Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária e o lançamento do Fórum de combate ao uso de agrotóxicos: soberania alimentar e agroecologia podem ser acessados em < <http://www.unifal-g.edu.br/comunicacao/3jornadauniversitariaemdefesareformaagraria> >
5. Documentário dirigido por Silvio Tendler e lançado em julho de 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8RVAgD44AGg> >
6. Continuação do documentário “O veneno está na mesa”, dirigido por Silvio Tendler e lançado em abril de 2014. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=fyvoKljtvG4> >

Contribuição de cada autor

A. S. foi coordenador do projeto e trabalhou na produção e revisão do artigo, F. X. foi coordenador adjunto e trabalhou na produção e revisão do artigo, A.A.C. foi bolsista do projeto e trabalhou na revisão do artigo.

Referências

- BECK, U. **Sociedade de risco** – rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BOMBARDI, L. Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado. In: **Boletim DataLuta**. Disponível em: < http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/9artigodomes_2011.pdf > Acesso em 25 nov. 2015.
- CARNEIRO, F. Prefácio. In: SOUZA, M. M. O.; FOLGADO, C. A. R. (Orgs). **Agrotóxicos** – violações socioambientais e direitos humanos no Brasil. Anápolis: Editora Universidade Estadual de Goiás, 2016, p. 7-11.
- CARNEIRO, F. F; AUGUSTO, L. G. S; RIGOTTO, R. M; FRIEDRICH, K; BÚRIGO, A. C (Orgs.). **Dossiê ABRASCO: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro/São Paulo: Escola

Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Expressão Popular, 2015.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PIGNATI, W. Agronegócio, Agrotóxicos e Saúde. In: SOUZA, M. M. O.; FOLGADO, C. A. R. (Orgs). **Agrotóxicos** – violações socioambientais e direitos humanos no Brasil. Anápolis: Editora Universidade Estadual de Goiás, 2016, p. 17-45.

SILVA, J. M.; NOVATO-SILVA, E.; FARIA, H. P.; PINHEIRO, T. M. M. Agrotóxicos e trabalho: uma combinação perigosa para a saúde do trabalhador rural. **Ciências e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 4, p. 891-903, 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1988.

Como citar este artigo:

SANTOS, A.; XARÃO, F.; CARVALHO, A. A. de. Fórum de combate ao uso de agrotóxicos na região de Alfenas: relato de experiência de um projeto de extensão universitária. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 8, n. 2, p. 103-111, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/4994/pdf>>